

FIG. 25 – Castelo de Silves. A- Lucerna (M.N.A.E. 17072); B- Alcatruz da Cisterna dos Cães (M.N.A.E. 14052).

1.2.7. Silo 3

Trata-se de construção existente junto à torre 6, com forma e dimensões semelhantes às do silo 1.

Encontra-se completamente esvaziado.

2. A evidência arqueológica

2.1. Antecedentes

Escolhemos, em 1984, o Castelo de Silves para iniciarmos escavações arqueológicas, na sequência das investigações em curso na cidade (Gomes, 2002), dado tratar-se de espaço fechado, bem delimitado, construído em importante zona estratégica e que poderia conservar testemunhos da vida quotidiana das sucessivas élites que ali permaneceram em diferentes momentos do processo histórico.

Pretendíamos, na altura, realizar estudo integrado entre as estruturas e os espólios encontrados, tendo em vista a elaboração de dissertação de mestrado, em História da Arte, sobre aquele arqueossítio.

Iniciámos tais trabalhos em zona ajardinada, por solicitação da autarquia, de modo a não impedirmos a circulação dos visitantes. Deste modo, limitámo-nos a realizar duas sondagens, correspondendo então a distintos sectores, tendo-se em uma delas intervencionado, apenas, um quadrado com 2 m de lado (que corresponde ao actual quadrado 158) e na outra explorado quarenta quadrados, com dimensões idênticas ao referido, perfazendo um total de 160 m².

Devido à restrição mencionada, em vez de efectuarmos a escavação em área, que possibilitaria uma melhor compreensão da articulação funcional dos diferentes espaços descobertos, efectuámos, no segundo sector, sondagem, em superfície disponível entre as estruturas encontradas, tendo, por isso, como objectivo determinar as grandes etapas da ocupação deste arqueossítio. Assim, os trabalhos em profundidade atingiram 5,44 m abaixo do nosso ponto zero convencional (0 = 0,00), situado na soleira da porta de entrada na torre mais próxima da escavação (torre 8).

Aqueles evidenciaram importante sucessão estratigráfica do período muçulmano, contendo níveis bem definidos, através de restos de estruturas, de pavimentos e de diverso tipo de espólio, cuja evolução cronológica foi ulteriormente confirmada por série de datações de radiocarbono, atingindo camada arqueológica correspondente ao início da ocupação islâmica do local (século VIII).

Como os elementos arquitectónicos descobertos se encontravam muito fragmentados, optámos, na referida dissertação, por quase circunscrever o nosso estudo às cerâmicas. Estas constituíram os vestígios mais numerosos e melhor conservados ali exumados, inserindo-se em diferentes níveis de ocupação, distribuídos por cerca de meio milénio, ou seja, desde os inícios do século VIII a meados do século XIII. Aquele trabalho intitulou-se “*Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves*” e constitui o vol. I da revista *Xelb*, editada pelo Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

No entanto, a importância dos dados obtidos naquele momento, conduziram a que prosseguíssemos as investigações no Castelo, tendo em vista ampliar a área escavada, de modo a dispormos de corpo mais vasto e complexo de informações, capaz de proporcionar mais profunda caracterização dos grandes momentos da sua ocupação islâmica, como uma melhor percepção das estruturas habitacionais, e de alguns dos seus equipamentos, que, muito fragmentadas, tínhamos começado a exumar.

Embora a intervenção arqueológica que conduzimos tivesse sido a primeira realizada naquele local de modo sistemático, houve outros trabalhos, com ou sem acompanhamento de arqueólogos, que produziram informação não despendida.

As mais antigas referências que se conhecem a materiais arqueológicos do Castelo de Silves são as registadas por Estácio da Veiga, em 1878, quando visitou aquele monumento e descreveu três das cisternas ali existentes. A este arqueólogo pioneiro deve-se ter elaborado a planta daquelas construções, de que chegaram até nós apenas duas delas, conforme referimos no subcapítulo anterior.

A Cisterna dos Cães tinha sido desentulhada, em 1871, por sociedade propositadamente constituída, na cidade, para explorar aquela estrutura subterrânea, tendo como finalidade encontrarem-se possíveis tesouros ali escondidos pelos Muçulmanos aquando da conquista cristã daquela alcáçova. Apesar de ser esta a explicação que Estácio da Veiga confere a tal empresa, julgamos que também se terá associado àquele objectivo a tentativa, então muito em voga, de identificar antiga mineração de cobre, que a tradição ali situava, e conforme aquele arqueólogo refere.

Ulteriormente, já durante a primeira metade do passado século, alguns ilustres cidadãos de Silves, como Manuel de Sousa, terão pago do seu bolso a trabalhadores para desentulharem no Castelo algumas estruturas subterrâneas e que poderão, eventualmente, corresponder aos silos 1, 2 e 3 antes mencionados.

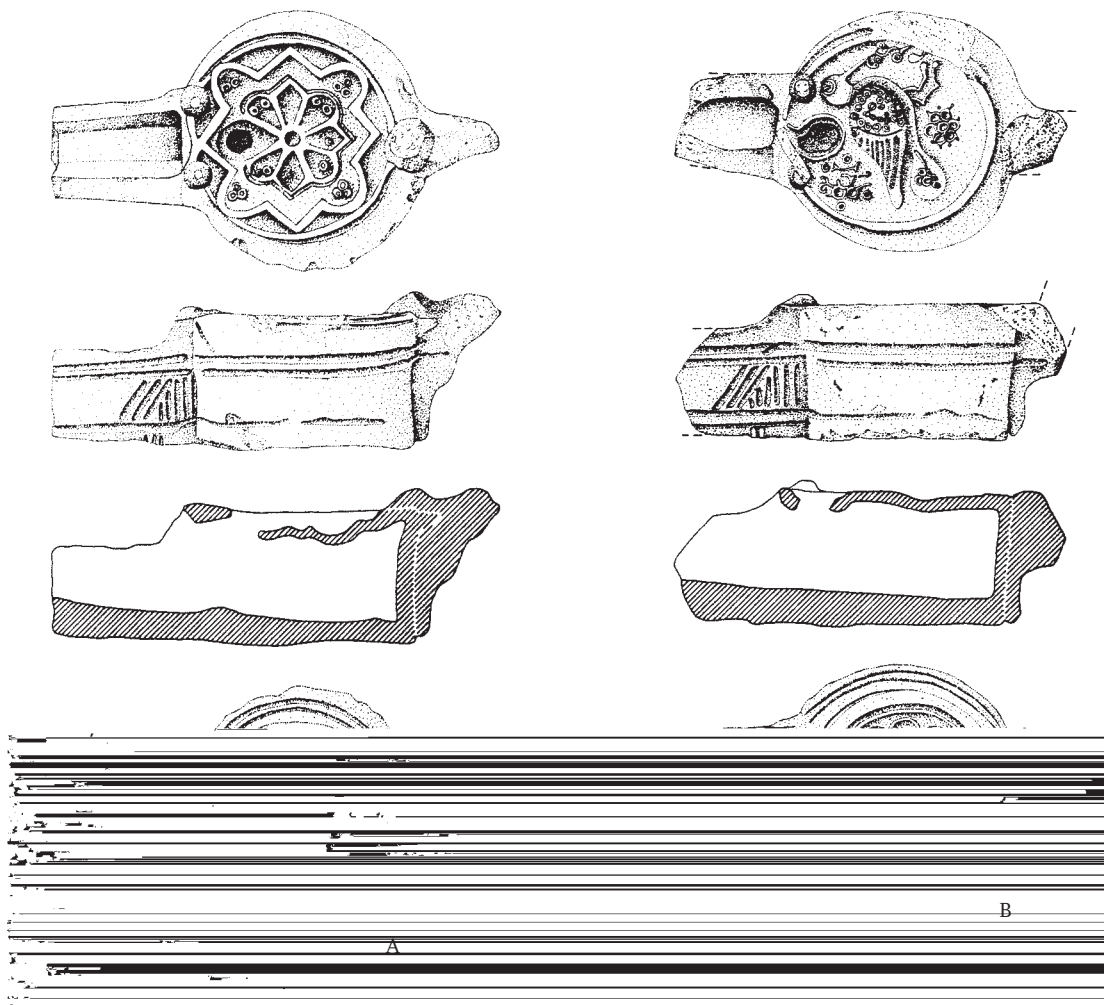


FIG. 26 – Lucernas. A- Castelo de Silves (M.N.A.E. 17025); B- Alvor (M.N.A.E. 995193).

Além do alcatruz (Fig. 25-B), recuperado na Cisterna dos Cães e já referido, provêm, possivelmente da alcáçova de Silves e sendo fruto daqueles trabalhos, duas lucernas, uma de pasta vermelha (M.N.A.E. 17072) (Fig. 25-A) e outra esmaltada de cor verde (M.N.A.E. 17025) (Fig. 26-A). Mostram formas distintas, mas parecem-nos ter antecedentes comuns.

As três peças mencionadas pertencem ao Museu Nacional de Arqueologia e duas encontram-se em exposição no Museu Municipal de Arqueologia de Silves. A segunda lucerna indicada foi publicada, em 1903, por José Leite de Vasconcellos (1903, p. 121-123) que a considerou como “*exemplar raro e interessante*”. Esta é semelhante a outra (M.N.A.E. 995193) recuperada, possivelmente, em Alvor (Fig. 26-B). Constituem exemplares que, pela forma e temáticas decorativas, patentes no disco e no fundo de ambos, devem ter sido fabricadas na mesma oficina, do Período Almoada, problemática que voltaremos a abordar (cf. Cap. 3.2.8.I.I.).

Também José Queiroz (1907, p. 10), na introdução à sua obra “*Cerâmica Portuguesa*” editada em 1907, assinala, como exemplo de cerâmica “*árabe*” obtida em Portugal, lavabo que atribuí ao século XI, proveniente de “*escavações*” em Silves. Trata-se de peça pertencente ao Museu Nacional de Arqueologia (M.N.A.E. 17097), presentemente em exposição no Museu Municipal de Arqueologia de Silves, datável no século XIII e que terá sido recolhida no Castelo (Fig. 27).



FIG. 27 – Castelo de Silves, lavabo (M.N.A.E. 17097).

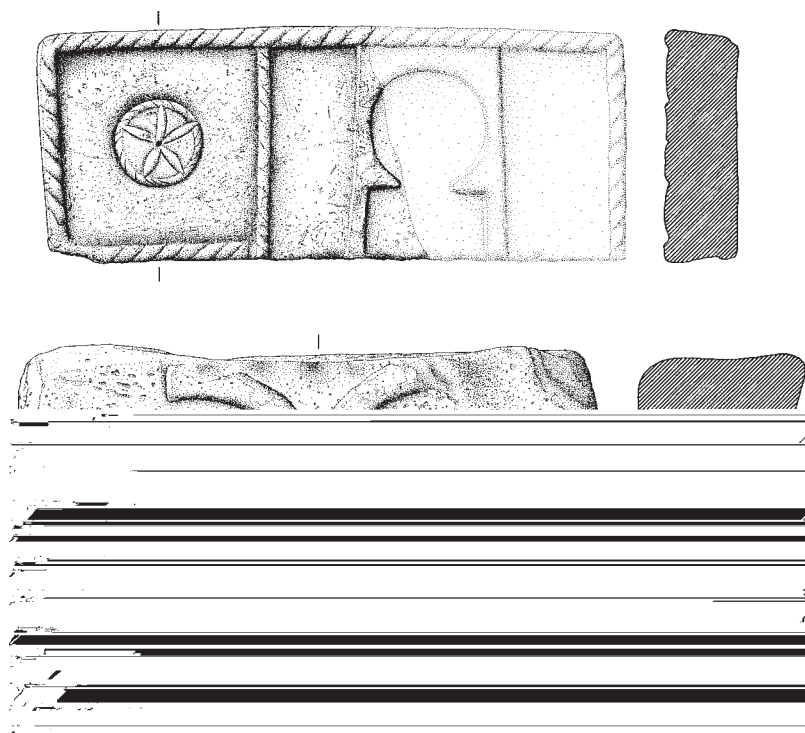


FIG. 28 – Placas apotropaicas do Castelo de Silves.

Foram, de igual modo, recuperadas na alcáçova de Silves duas placas apotropaicas, com forma paralelepipedica, talhadas em arenito vermelho, actualmente em exhibição no Museu Municipal de Arqueologia daquela cidade. No entanto, apenas uma foi encontrada, em data recente, em uma das torres do Castelo, enquanto a outra integrava colecção de materiais arqueológicos guardada, até à abertura do referido museu, na Biblioteca Municipal (Fig. 28).

Uma das placas apresenta dois temas distintos, inseridos em cartelas, com moldura em forma de corda. No interior de um dos lados observa-se círculo, com contorno semelhante ao da cartela, que delimita motivo fitomórfico, inciso, formado por cinco pétalas dispostas a partir de ponto central. Do lado oposto oferece representação de arco ultrapassado. Mede 0,83 m de comprimento, 0,25 m de largura e 0,10 m de espessura máxima.

A segunda placa apresenta, centralmente, dois meios arcos, algo ultrapassados e geminados na base. Mede 0,83 m de comprimento, 0,45 m de largura e 0,25 m de espessura máxima (Gomes e Gomes, 1997, p. 141-151).

Os trabalhos realizados pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e já assinalados, foram reconhecidos durante a intervenção arqueológica que temos vindo a proceder, até cerca de 0,60 m de profundidade abaixo do nível actual do solo, e, em particular, no sector nascente, junto ao pano de muralha, alcançando o nível correspondente ao pavimento da habitação que ali pusemos a descoberto (C2).

Nos anos cinquenta da passada centúria, José Luís Cabrita reconheceu, durante trabalhos de ajardinamento, restos de muros perpendiculares entre si e recolheu importante conjunto de peças de cerâmica, presentemente em exposição no Museu Municipal de Arqueologia de Silves. Esta acção interferiu com o último nível de ocupação muçulmana (C2), da zona por nós explorada, e só uma rigorosa escavação permitiu identificar algumas áreas ainda intactas, onde encontrámos, *in situ*, fragmentos de cerâmicas que colavam aos exemplares recolhidos naquela data. Como a maioria de tais fragmentos foram exumados no compartimento 5 do Complexo de Banhos, nele integrámos todo aquele espólio, excepto uma panela que terá sido recuperada inteira, segundo nos informaram, sob aquele conjunto e que, por isso, pertencia a nível de ocupação anterior (C3).

Nos últimos vinte anos têm sido abertas novas valas, pelos jardineiros e outro pessoal camarário, destinadas a enterrar lixo, para se instalarem condutas de água ou construïrem-se fossas sépticas, junto de instalações sanitárias. Tais trabalhos foram sempre feitos à nossa revelia, não raramente surgindo algum material arqueológico e que nem sempre nos foi entregue. O mesmo aconteceu com os usuais achados de numismas, ocorridos durante os trabalhos de jardinagem, alguns islâmicos, como os bem conhecidos diremes quadrados, de prata, que são vendidos a fregueses habituais, ou seja a colecionadores e a comerciantes.

2.2. Metodologia

A zona escolhida para efectuarmos escavações na alcáçova de Silves situa-se no seu lado nascente, frente a um dos torreões adossados à muralha (torre 8) (Fig. 11).

Aqueles trabalhos decorreram de 1984 a 1997, durante campanhas estivais com maior ou menor duração, tendo-se explorado área com 1120 m², correspondendo a 280 quadrados medindo 4 m² cada (Fig. 29).

A escavação, iniciada na zona correspondente a uma das alamedas do jardim ali existente, estendeu-se, de imediato, à área ajardinada e, depois, a nova alameda, até alcançar a muralha.

Para um melhor controlo e registo dos testemunhos exumados, optámos por escavar segundo quadrados medindo 2 m de lado, orientados no sentido dos pontos cardeais. A sua

numeração é sequencial, tendo sido feita à medida da progressão da escavação.

Quando necessário, subdividiram-se aqueles quadrados, em outros menores, com 1 m de lado, tendo-se, também, executado sondagens com outras dimensões, de modo a tentarmos melhor caracterizar certos aspectos.

A escavação de cada quadrado fez-se seguindo a sequência dos estratos arqueológicos detectados nas primeiras sondagens, registando-se, através de desenho e fotografia, todas as estruturas e níveis observados, assim como o espólio localizado *in situ*. O levantamento desenhado foi cotado, a partir do ponto zero convencional, constando de plantas, cortes e alçados.

As terras exumadas foram integralmente crivadas, através de meios manuais ou mecânicos, recolhendo-se tanto todos os artefactos como os ecofactos, quer se tratasse de objectos de pedra, osso, metal, vidro, cerâmica, incluindo os fragmentos de telhas que quantificámos através de pesagem, ou, ainda, de restos de fauna e flora.

O inventário do espólio descoberto só foi feito após o mesmo ter sido devidamente lavado e colado, no caso das cerâmicas, vidros, artefactos de osso e de pedra, sendo depois marcado. Os artefactos metálicos foram limpos manualmente, por vezes à lupa binocular. Na marcação efectuada, indica-se a abreviatura do nome da estação, o quadrado e a camada de proveniência, assim como o número de ordem no quadrado a que pertence (ex: CAST. Q.II/C2-1), legenda que surge em todas as peças do catálogo elaborado e junto aos desenhos que o ilustram.

Algumas peças exumadas foram consolidadas e restauradas, encontrando-se expostas no Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

O estudo das estruturas arquitectónicas postas à vista e dos espólios recuperados realizou-se em função das camadas arqueológicas reconhecidas, tentando-se, sempre que possível, integrar os artefactos nas áreas funcionais a que pertenciam ou onde foram detectados, quando *in situ* ou *in loco*.

As cerâmicas, que constituem o espólio mais numeroso, foram divididas em grandes grupos ou classes, tendo em conta os tipos de fabrico, as pastas utilizadas, a cor e o tratamento dado às superfícies, as formas, as decorações, etc...

Fez-se, em simultâneo, o estudo estatístico daquele espólio para, em termos percentuais, podermos avaliar, por períodos, quais os tipos ou as classes de cerâmicas e as formas mais utilizadas, tal como possíveis centros produtores, circuitos comerciais e outros aspectos de carácter económico, social ou artístico. Escolhemos, de conjunto muitas vezes vasto, formado por bordos, paredes, asas e fundos, os fragmentos que nos pareceram mais representativos de cada camada, em termos de fabrico, formais ou decorativos, a fim de serem figurados graficamente.

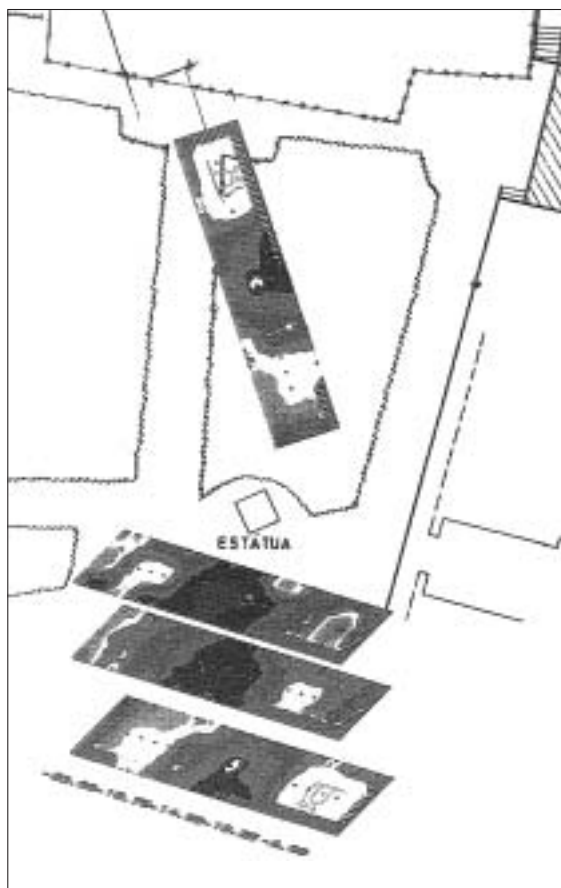


FIG. 30 – Resultado da prospecção electromagnética realizada em sector já escavado do Castelo de Silves (seg. F. de Almeida).